

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CAMPUS ITAPECURU-MIRIM  
CURSO DE LETRAS**

**ANA TERESA NOGUEIRA DA CRUZ MUNIZ**

**O CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR: Uma leitura analítica discursiva  
da personagem Ana, à luz da teoria e vertentes da linguagem de Jacques  
Lacan.**

**Itapecuru-Mirim  
2017**

**ANA TERESA NOGUEIRA DA CRUZ MUNIZ**

**O CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR: Uma leitura analítica discursiva da personagem Ana, à luz da teoria e vertentes da linguagem de Jacques Lacan.**

Monografia apresentada como requisito parcial ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão- Campus de Itapecuru Mirim à obtenção do Grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof. Msc. Maria Lúcia de Sousa Holanda

**Itapecuru-Mirim  
2017**

**ANA TERESA NOGUEIRA DA CRUZ MUNIZ**

**O CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR: Uma leitura analítica discursiva da personagem Ana, à luz da teoria e vertentes da linguagem de Jacques Lacan.**

Projeto apresentado ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade do Estado do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, como pré-requisito para a elaboração do trabalho de conclusão de curso.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Msc. Maria Lúcia de Sousa Holanda.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Maria Lúcia de Sousa Holanda.  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Msc.  
1<sup>o</sup> Examinador

---

Prof<sup>o</sup>. Esp.  
2<sup>o</sup> Examinador

Dedico esse trabalho a minha família,  
orientadora, namorado e amigos!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a minha mãe e também professora Aparecida Muniz, pela preocupação, apoio maternal, incentivo psicológico e ajuda metodológica.

Agradeço também a minha orientadora, Prof. Msc. Lúcia Holanda, pela atenção e aparato bibliográfico e metodológico durante todo o processo de orientação, e pelas contribuições gerais ao meu crescimento intelectual.

Agradeço ainda aqueles que se preocuparam e puderam oferecer suportes emocionais, como meu pai, Diógenes e meu namorado Boanerges. E ainda, a ajuda de amigos (as) que a Universidade e a vida me proporcionaram, ainda que indiretamente.

Por fim, gostaria também de oferecer meus agradecimentos a Universidade Estadual do Maranhão, por toda a caminhada durante o curso de Letras, que me proporcionou, sobretudo, amadurecimento psicológico e intelectual.

Penso onde não sou – sou onde não penso  
(Jacques Lacan)

## RESUMO

Este trabalho visou atingir o nível analítico de compreensão da leitura da obra “Amor”, de Clarice Lispector. No conto, são abordadas as experiências preconizadas pela protagonista Ana, onde é exposto um discurso complexo, subjetivo e intimista, por isso, recebe o enfoque maior, sobretudo, na percepção da sua linguagem, para assim, interpreta-la e conseguir estabelecer uma conexão ao seu mundo ficcional através do real. A partir da ótica e perspectiva do médico francês Jacques Lacan, utilizando suas teorias no que tange a compreensão do inconsciente por meio da linguagem, pôde-se assim, compreender a grandeza do conteúdo simbólico impresso no texto, e sua representatividade relacionada ao existencialismo humano, que se mostra latente em Ana.

**Palavras-chave:** Amor. Clarice. Conto. Linguagem. Lacan.

## **ABSTRACT**

This work aimed to reach the analytical level of understanding of the reading of the work "Love", by Clarice Lispector. In the story, we discuss the experiences advocated by the protagonist Ana, where a complex, subjective and intimate discourse is exposed, so she receives the greater focus, above all, on the perception of her language, in order to interpret it and to establish a connection to their fictional world through the real. From the perspective and perspective of the French physician Jacques Lacan, using his theories on the understanding of the unconscious through language, we were able to understand the greatness of the symbolic content printed in the text and its representativity related to human existentialism, which is latent in Ana.

Keywords: Love. Clarice. Tale. Language. Lacan.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 LEITURA: CONCEITOS E SIGNIFICADOS .....</b>	<b>13</b>
2.1 Leitura analítica e discursiva .....	15
2.2 Metáforas na construção da Linguagem .....	15
<b>3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA “AMOR” DA AUTORA CLARICE LISPECTOR .....</b>	<b>18</b>
3.1 Características do estilo da obra de Clarice Lispector .....	19
3.2 Percepções do Conto Amor na perspectiva analítica-discursiva .....	21
<b>4 LEITURA ANALÍTICO-DISCURSIVA DA PERSONAGEM ANA À LUZ TEÓRICA DE JACQUES LACAN .....</b>	<b>24</b>
4.1 Jacques Lacan: significado da linguagem .....	29
4.2 Linguagem e a linha psicanalítica: construindo elos .....	30
4.3 Literatura e Linguagem .....	31
4.4 A linguagem estruturada como o inconsciente .....	32
4.5 A linguagem metafórica da personagem Ana em relação ao conceito psicanalítico lacaniano .....	34
4.6 O real, o imaginário e o simbólico .....	37
4.7 A representatividade da personagem Ana .....	38
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>40</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

O conto “Amor” foi selecionado para a elaboração deste estudo, texto que compõe a obra *Laços de Família*, publicado no ano de 1982, tendo como autora, a renomada escritora brasileira Clarice Lispector. Optou-se pelo referido conto por considerá-lo teoricamente apropriado para tecer uma análise linguística discursiva comportamental e psicológica acerca da personagem Ana, dentro do universo do conto, a partir do olhar teórico de Lacan, com enfoque em seus postulados voltados para a linguagem.

O que fomentou a desenvolver este estudo voltado para a obra de Clarice Lispector é o fato de que a autora, em todo o seu acervo, abrange um material riquíssimo em detalhes, que fornecem subsídios para a busca da compreensão e interpretação do mundo real através do mundo ficcional, que perpassa o científico – como o proposto aqui, sendo aplicado ao uso da base teórica lacaniana, ou seja, tornando possível a aproximação da linguagem metafórica e abstrata da autora com a linha analítico-discursiva, através de Lacan e seus pressupostos teóricos que observam a linguagem para compreender questões a cerca do inconsciente.

Considera-se importante pontuar nesse estudo, o modo e a estrutura da linguagem utilizada pela autora, por perceber que ela é particular e, sobretudo, singular, a qual percorre um mesmo objetivo e caminho: os questionamentos a cerca da vida e do mundo externo sob o interno, através de uma construção de linguagem simples e cotidiana, onde problematiza por meio de situações comuns e corriqueiras. A abordagem clariceana é conhecida por sua extrema e complexa subjetividade e por suas narrativas intimistas. Sua linguagem é metafórica, repleta de retratos e situações psicológicas.

O estilo marcado de Clarice é o da liberdade ao criar e transformar, tal como “desabrochar” através das palavras. Para ler, interpretar e compreender a sua obra, faz-se necessário identificar os seus diversos aspectos metafóricos e surpresas colocadas pela autora, observando não somente o que é dito, mas como e para quê é dito. Também é relevante ressaltar que o presente estudo busca evidenciar as diferentes conotações da escrita, em meio a tantas figuras de linguagem, questões psicológicas e existenciais impressas na protagonista Ana como uma forma de reflexão.

A referente linguagem metafórica ganha seu auge em “Amor”, principalmente em Ana, onde nesta pesquisa se verificou por meio da análise da obra as possibilidades de relacionar o estado e o comportamento da personagem a algumas teorias e estudos de Jacques Lacan, que buscam compreender a psique, a existência humana e os significados dos processos existenciais e psicológicos partindo do mesmo e único ponto: a linguagem.

O analista da linguagem – como é conhecido Lacan, sempre alinou e explorou as relações sociais, e, sobretudo, a linguagem para obter entendimento a cerca das questões que pesquisava. É o que diz Christian Dunker, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) "numa época em que a psicanálise buscava fundamentações na Biologia, Lacan escolheu a Linguística e a lógica para reconfigurar a teoria do inconsciente". Por isso, o elo entre Literatura e Psicanálise, na referente pesquisa, dar-se-á por meio da compreensão da escrita profunda, poética, abstrata e por vezes até labiríntica de Clarice, de acordo com os estudos analíticos lacanianos.

Tendo isso como base, percebe-se a vasta subjetividade na expressão literária, que tem essa capacidade de trazer em suas entrelinhas os traços da manifestação do inconsciente, proporcionando assim, que haja esse viés analítico, onde permite que se perceba a proximidade linguística da Literatura, de Clarice e à área analítico-discursiva, de Lacan.

Partindo desse pressuposto e tendo como base uma leitura apurada, especificamente do conto “Amor”, na escrita de Clarice há esse viés analítico: onde se parte da Psicanálise para chegar a Literatura. Essa aproximação se dará por meio do estado imaginário e metafórico, protagonizado pela personagem Ana, com enfoque para interpretação, por meio das principais teorias de Lacan.

Ao “dissecar” o objeto e instrumento em foco para a interpretação e compreensão, que é o conto “Amor”, percebe-se que o mesmo se centra na vida de uma família comum, que vive de forma calma e simples. Porém, certo dia, a protagonista Ana demonstra uma incessante insatisfação e perturbação com sua vida, e que apesar disso, permanece inerte quanto a possíveis mudanças. A expressividade da autora mostra-se então latente na personagem, trazendo a imagem de mãe e dona de casa, aparentemente comum, porém apresentando traços psicológicos e comportamentais incomuns ao longo da narrativa.

Evidencia-se também a caracterização do conto em constantes e imensos monólogos da personagem, com a presença de uma linguagem abstrata, carregada de metáforas inculcando questões existenciais.

O interesse pela obra consiste principalmente na trajetória da personagem, que pode ser definida “na dor e delícia de ser”. Seus pensamentos íntimos descritos minuciosamente durante sua trajetória, seu comportamento, sua fuga pessoal, seus desejos retraídos, conflitos internos e subterfúgios inconscientes, metáforas e imagens psicológicas criadas e posicionadas pela autora na construção do conto ganham enfoque e atenção, o que instiga e prende o leitor.

Dessa forma, destaca-se também que Ana demonstra em todo o conto uma constante busca, pelo seu lugar na sociedade, a delimitação do seu próprio “eu”, como sujeito humano e seu estado imaginário. Analisando os aspectos da obra e da personagem, observam-se suas características psicológicas e comportamentais, que aparentemente são comuns, mas quando colocadas em seus monólogos, tornam-se incomuns. Partindo desse pressuposto e da linguagem subjetiva de Clarice na representação de Ana, será feito o elo entre a obra e os fundamentos teóricos de Lacan que investiga a partir da sistematização e fundamentação da linguagem, o ponto principal para análise e interpretação.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a sondagem e a exegese, manifestam-se a partir dos postulados lacanianos, proposição esta, presente na referida pesquisa, consiste ainda em não apenas uma leitura do conto, mas o adentrar ao universo individual de Ana e suas inconsistências e inquietações. O que proporcionará um melhor entendimento a cerca da consciência, da realidade e da fragilidade permeada na existência da protagonista.

Dessa forma, pode-se afirmar então que decifrar, analisar, compreender e interpretar Ana, a partir de seus pensamentos, é um caminho, que será guiado pelas teorias do psicanalista francês Jacques Lacan, mais conhecido como analista da linguagem, mais especificamente sobre consciência, formação do eu, realidade simbólica e imaginária.

Além do que já foi percorrido, convém relatar que, tais situações comportamentais e existenciais relatadas no conto promovem uma reflexão a cerca da relação homem e sociedade, e, sobretudo que engloba a realidade e sua fragilidade. A partir da interpretação da personagem tão bem colocada por Clarice,

pode-se compreender não só Ana, mas o seu símbolo e sua representatividade quando é trazida para a realidade.

Nessa perspectiva vale ressaltar que o estudo em questão, busca evidenciar as diferentes conotações da escrita em meio a tantas figuras de linguagem, questões psicológicas e existenciais, na qual a autora propõe não somente escrever por Literatura, mas como forma de reflexão, buscando retratar questões existenciais e psicológicas, e ainda afirmando que “escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas - escrevo por profundamente te querer falar” (LISPECTOR 1977, p.12), ou seja, uma necessidade de “desabrochar” por meio da palavra.

Quanto à organização, o texto foi estruturado em três capítulos, onde o primeiro, que é intitulado de Leitura: conceitos e significados, onde foram estabelecidos parâmetros e conceituações a cerca da leitura e seus níveis de compreensão, com enfoque no nível analítico, que norteou a construção dessa monografia. Nesse capítulo também é abordado o discurso da personagem principal, Ana e as características de seu discurso, e, sobretudo, a sua linguagem metafórica.

O segundo capítulo, tece considerações sobre a obra “Amor” da autora Clarice Lispector, foca-se em evidenciar, de uma forma geral, aspectos do conto, tais como; espaço, tempo e personagens, e ainda, as percepções analíticas quanto ao conto. Também é destacada a escrita singular, metafórica e repleta de entrelinhas, de Lispector, que se mostra latente na personagem Ana.

Por fim, no último capítulo, pode-se então conectar ao universo de Ana, através da ótica de Jacques Lacan, ao perceber e captar os aspectos explícitos e implícitos de sua linguagem, e ainda as ressonâncias do inconsciente no seu discurso. Dessa forma, foi proposto então, um enlace entre a Literatura e Psicanálise (no que tange a linguagem), respeitando o limite de ambas as áreas. Depois de abordar as características gerais do conto, conectar-se ao universo de Ana, e captar a linguagem da mesma, tornou-se possível então compreender o conteúdo simbólico do texto e trazê-lo para o contexto real, compreendendo sua representatividade quanto às questões envolvidas no existencialismo humano.

## 2 LEITURA: CONCEITOS E SIGNIFICADOS

A leitura foi o ponto inicial deste trabalho, assim como é a base de muitos passos na vida. Porém, a leitura em si vai além da simples decodificação de palavras, não pode estar presa somente a questões estéticas e estilísticas, ela deve ir além de observar orações isoladamente, precisa ser substancial, complexa, observar as linhas e entrelinhas, e, sobretudo, ultrapassar o campo da escrita, haja vista que a partir da leitura, adquire-se um leque de possibilidades, tendo isso como base, esse trabalho tornou-se possível, aliando a leitura aprofundada – ou analítica a novos sentidos.

De acordo com o autor Manguel (1997, p. 24) “Todos nós lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler”. Parte-se do ponto inicial da leitura e suas importâncias, mas indo um pouco mais além, mas também é importante evidenciar que ler é também atribuir, construir e esculpir significados. A leitura fornece compreensão, interpretação e novas visões ou perspectivas.

Como explica Lajolo (1982, p.59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Destacam-se também as relações ocasionadas dentro da leitura, principalmente entre autor/leitor. É o que afirma a autora Soares (2002, p.15) quando assinala que a “leitura não é (...) ato solitário; é interação verbal entre indivíduos e indivíduos socialmente determinados”. E são a partir dessas interações que se podem obter produtos da leitura: a interpretação.

Dessarte é importante ressaltar a importância das etapas de leitura na construção deste trabalho, desde a decodificação a compreensão, interpretação e por fim, a retenção – e como proposto aqui, um pouco mais além – esculpindo novos sentidos dentro da obra “Amor”, de Clarice Lispector, partindo de uma nova percepção teórica.

De acordo com Ribeiro (2007, p. 09) quanto à estruturação do conto em aspectos semânticos, tem-se a seguinte conceituação:

O conto adquire a mesma dimensão semântica: ele deve mostrar uma visão do mundo, a partir de um fato. Tudo rápido, como exige a modernidade. Em lugar das longas descrições, desenhos fulminantes de personagens e de situações.

Dessa forma, destaca-se que o gênero escolhido no trabalho engloba alguns aspectos como descrições, que são afetadas pela presença de uma visão de mundo. Além de disso, tem como característica não se alongar demais, e trazer a determinada história como um momento ou uma parte de uma vida, que é o que ocorre no conto “Amor”, mostrando intensamente um dado momento da vida de Ana em um caráter descritivo. E assim, a autora transforma um relato de uma experiência de uma única personagem central em uma verdadeira trama, cheia de complexidades e aspectos implícitos quanto à subjetivação de questões psicológicas e, sobretudo existenciais.

E dentro dessas esferas de conhecimento faz-se necessário ressaltar ainda, a importância dos textos e contextos presentes no conto enquanto gênero literário.

Segundo Lima (1983, p. 373) podem exercer diferentes funções, quando afirma que:

O texto literário é um ato intencional dirigido a um certo mundo, o mundo com que ele se relaciona não é simplesmente refletido, mas experimenta ajustes e correções (...) a regulação do equilíbrio oferecida pela relação texto e contexto pode ter uma função de afirmação ou de negação. E o texto apresentará uma formação de estrutura diferencial de acordo com esta intenção de sentido.

Em face ao exposto, objetiva-se ainda que a leitura e compreensão do conto “Amor” seguiu um percurso, onde, aliou-se a leitura reflexiva, crítica e interpretativa – de forma analítica, observando a linguagem, mais especificamente no discurso da protagonista do texto, na linha teórica psicanalítica, que foram passo-a-passo, relacionadas a alguns pressupostos quanto à linguagem do psicanalista Jacques Lacan, em busca de preencher e buscar uma resignificação de novos sentidos quanto às questões existenciais de Ana, seja em suas metáforas, paradoxos ou epifanias.

## 2.1 Leitura analítica e discursiva

Como foi visto, além de etapas de leitura, existem os níveis, que de acordo com Mortimer J. Adler e Charles Van Doren (1940 apud Medeiros, 2004, p. 35), são:

- i) elementar: leitura básica ou inicial. Ao leitor cabe reconhecer cada palavra de uma página. Leitor que dispõe de treinamento básico e adquiriu rudimentos da arte de ler;
- ii) inspeccional: caracteriza-se pelo tempo estabelecido para a leitura. Arte de folhear sistematicamente;
- iii) analítica: é minuciosa, completa, a melhor que o leitor é capaz de fazer. É ativa em grau elevado. Tem em vista principalmente o entendimento;
- iv) sintópica: leitura comparativa de quem lê muitos livros, correlacionando-os entre si. Nível ativo e laborioso de leitura.

A leitura analítica foi o nível e norte da leitura proposta aqui, do conto “Amor”, principalmente devido ao grau de percepção necessária para compreender os diferentes âmbitos, aspectos e, sobretudo entrelinhas colocadas por Lispector na construção da obra.

O respectivo nível de leitura foi aliado à importância da presença do discurso da protagonista Ana, dentro do universo do texto. A percepção das características discursivas da personagem tem fundamental significância para interpretação da mesma. Principalmente por ser no seu discurso, que desvela seu inconsciente e o seu íntimo, a partir de seus monólogos.

Partindo do discurso de Ana, destaca-se a importância da subjetividade dentro da obra, da carga sentimental expressa através, sobretudo, da linguagem da personagem, que desvela seu interior, características do seu consciente e até mesmo inconsciente, permitindo assim, uma interpretação mais profunda do seu verdadeiro eu, partindo da leitura analítica discursiva.

De acordo com Longo (2006 p.21), apesar de a linguagem revelar muito, pode não dizer tudo explicitamente; “há aí um paradoxo da linguagem: embora ela possa se estender infinitamente, tem o limite de não poder dizer tudo. Só dirá parcialmente, já que a realidade total e o saber estão além de seus domínios (...)”, dessa forma, destaca-se a importância da leitura aprofundada, a fim de observar os diferentes aspectos das palavras ali colocadas, desde estruturação até sentidos entremeados de complexidades devidos principalmente a carga emocional colocada pela autora em cada palavra na construção de “Amor”, que é justamente o que torna a obra



inusitada e interessante, despertando interesse quanto ao real interior de Ana, seus sentimentos e, sobretudo o seu inconsciente, o seu verdadeiro “eu”.

## 2.2 Metáforas na construção da Linguagem

A leitura de *Lispector*, de maneira geral é rica, cheia de detalhes, entremeada de aspectos paradoxais, epifanias e entrelinhas, e é no conto “Amor” que ganha seu auge, a partir do mundo metafórico proposto pela autora especificamente na protagonista Ana.

De acordo com Longo (2006, p.21), a metáfora possui alguns sentidos, tanto estruturais, como abstratos, tais como:

Numa definição tradicional, a *metáfora* está associada à *semelhança* de sentidos, consiste numa comparação subentendida, portanto “condensada”, “resumida”: projetam-se atributos de um segundo elemento num primeiro. Esses atributos só podem ser projetados se ambos os elementos tiverem algo em comum, pontos de interseção reais ou imaginados. (...) Portanto, a metáfora é possível, ou seja, é possível projetar atributos. O ponto de interseção é o ponto em que há a condensação de sentido. Um terceiro sentido surge — a loucura que compartilham — a partir do deslizamento dos sentidos dos dois conjuntos.

Partindo de tais pressupostos, pode ser observada a importância e a função exercida pelas metáforas dentro do conto “Amor”, que abandonam uma função meramente de recurso linguístico e assume, assim, um papel de elaborar, criar, adquirir e esculpir segundos e até terceiros sentidos a situações referentes no universo de Ana, que é veemente interno. Destaca-se ainda a subjetividade dentro da mudança e elaboração de novos sentidos por meio do metaforismo, como confirma Sargentim (1996, p.207) “a metáfora é a mudança de sentido da palavra baseada numa relação de semelhança”.

De acordo com Aristóteles (1984, p.240) – que foi um dos pioneiros ao falar de metáfora, como em “Poética”, ele afirma e ressalta que “a metáfora consiste no transportar para uma coisa um nome que pertence à outra coisa”, ou seja, o jogo dos sentidos e relações pré-estabelecidas por Clarice entre as palavras e seus sentidos tanto semânticos, como abstratos.

É importante ressaltar ainda que, a abordagem e escrita clariceana é popularmente conhecida por esse viés metafórico, que por sua vez, engaja e atrai uma leitura analítica.

Como a própria autora afirma:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se inscreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente. (CLARICE LISPECTOR, 1988 p.19)

É importante ainda, preconizar que especialmente no conto “Amor” é impresso uma narrativa repleta de subterfúgios e aspectos implícitos, substancialmente complexos, que se mostram latentes especialmente nas inquietações de Ana.

Ainda assim, observa-se o papel da subjetividade extremamente presente e intenso em relação ao uso do metaforismo literário usado por Lispector. Nessa perspectiva, os questionamentos e aspectos colocados milimetricamente na escrita do conto se fazem, principalmente, no plano metafórico e abstrato, evidenciando assim aspectos psicológicos subjetivos, sempre expostos por meio da linguagem na construção da narrativa.

A leitura interpretativa do conto se faz eficaz ao ponto que o leitor adentra no mundo metafórico proposto por Clarice, e ao passo que, conectando-se diretamente com a protagonista Ana, possa não só absorver os sentidos ali propostos, mas criar novos, religados a sua própria realidade. Dentro do conto, Ana acaba assumindo um papel de símbolo metafórico, o que pode refletir na vida de cada leitor que a toca, principalmente devido a sua carga de representatividade quanto a questões existenciais.

### **3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA “AMOR” DA AUTORA CLARICE LISPECTOR**

Como o objeto desse estudo foi sobre o conto “Amor”, parte-se do princípio do conceito de gênero literário “conto”, enquanto estrutura, características, abordagem e temática, de acordo com Ribeiro (2007, p. 09) é:

O conto adquire a mesma dimensão semântica: ele deve mostrar uma visão do mundo, a partir de um fato. Tudo rápido, como exige a modernidade. Em lugar das longas descrições, desenhos fulminantes de personagens e de situações.

O texto “Amor” se encontra no livro *Laços de Família*, que é um compilado de contos, publicado no ano de 1982, pela autora Clarice Lispector. O conto é pequeno em páginas, mas apesar disso, aborda inúmeras questões como existenciais, psicológicas, reflexivas que vão desde um teor social até mesmo cultural, além disso, ainda apresenta um conteúdo abundantemente rico em detalhes, e, sobretudo, simbólico que se destaca principalmente na representatividade da personagem Ana.

A história é centrada na protagonista, mais especificamente em seus sentimentos, que se mostram complexos e ambíguos. Externamente tranquila, internamente um caos. A temática da narrativa segue fidedignamente a abordagem clássica de Clarice. Uma escrita dotada de metáforas, questionamentos, epifanias e paradoxos, que reflete direta ou indiretamente uma realidade social, que no caso do conto, buscou retratar a realidade feminina quanto aos padrões impostos pelo patriarcado, que prendem a mulher em rotinas asfixiantes. Realidade essa impressa na protagonista Ana, que mostra, em um dado momento, uma incessante insatisfação com a automação de sua vida.

O conto tem como cenário principalmente a casa de Ana, um bonde e o Jardim Botânico onde tem seus principais acontecimentos, e também se faz necessário destacar que o universo proposto por Clarice, em *Amor*, é veemente interno, visto que todas as questões vivenciadas pela protagonista são denotadas apenas em seus monólogos.

Dessa forma, evidencia-se ainda que a narrativa se apresenta ora através de um narrador em 3º pessoa, como também, por vezes em 1º pessoa, que ocorre quando a personagem faz uso dos seus extensos monólogos.

Apesar de ser considerado um texto de linguagem simples-coloquial, exige uma percepção apurada e até mesmo teórica quanto à simbologia utilizada para expressar sentidos secundários, sinestésias, os contrastes e ambiguidades dos sentimentos ali colocados, as palavras com forte carga emocional, assim como, também, as metáforas e epifanias impressas a partir da vida de Ana. Como recurso estilístico, a autora também faz uso da presença de flashbacks na construção do conto, não apresentando assim, obrigatoriamente uma linearidade.

A linguagem tem uma forte relevância na construção do conto, principalmente por se apresentar entremeada de tantas possibilidades e complexidades, exposta por meio do discurso tanto consciente, como inconsciente de Ana, quanto à realidade, a vida e seus questionamentos no que diz respeito à existência.

Destarte, também é importante mencionar como o conto consegue ser capaz de (re) criar uma imagem a cada fala de Ana, o que aproxima e liga diretamente o leitor a personagem, criando e estabelecendo uma relação entre ambos. Assim como a autora Castello (2004, p.10) afirma quanto a essa perspectiva literária:

(...) a obra literária só se realiza quando aquele que ali diz “eu” dá lugar a uma voz vinda de outro lugar, transformando-se em um “ele sem rosto”. E a literatura, essa palavra esquiva, que presta serviço aos manuais, (...) não exatamente como o produto do escritor, mas como sua experiência mesma — a experiência literária —, afinal sempre caminhou “para si própria, para a sua essência (...)” .

Do ponto de vista psicológico, o conto “Amor” ganha seu destaque principalmente devido à proposta intimista, o desvelar de sentimentos, a verticalização da personagem, e, sobretudo por revelar o íntimo que vive dentro de cada ser humano, pelo menos em algum momento da vida, em diferentes quantidades: a dúvida existencial.

Sendo assim, o conto consegue transformar a exposição de alguns pequenos acontecimentos em algo muito maior e substancialmente importante. A demonstração de algumas experiências na vida de Ana, seu íntimo desvelado em conflitos internos revelados em monólogos, na verdade tornam-se questionamentos e até mesmo uma trama inusitada, que promove profundas reflexões.

### **3.1 Características do estilo da obra de Clarice Lispector**

Clarice Lispector é indiscutivelmente uma autora brasileira consagrada, que apesar de não ter nascido exatamente em solo brasileiro, e sim na Ucrânia, mudou-

se muito jovem para a terra onde considera ser a sua verdadeira pátria. Como a própria confirma em diversas entrevistas os “seus pés nunca tocaram solos ucranianos”, demonstrando assim, um notável zelo pelo Brasil.

O estilo de escrita clariceana é marcado por ser inusitado, e principalmente por explorar e verticalizar os personagens, os cenários e os sentidos.

Como já afirmara Sá (2000, p. 33):

Imaginação e memória não só se unem ou se superpõem, mas se fundem e se confundem. Isso produz uma estranha realidade ficcional, provocando, pela novidade, uma surpresa perturbadora. Clarice rejeita a forma tradicional da narrativa, como possível desfiguração de sua pessoal concepção do mundo.

Sua obra tem uma forte carga emocional e por vezes até mesmo, dramática, o que as tornam profundas e as fazem fugir do comum. Apesar de ter narrativas pequenas, chama atenção por aprofundar tanto as mesmas. Clarice ainda afirma quanto ao seu estilo de escrita as seguintes considerações:

O que escreve não se refere ao passado de um pensamento, mas é o pensamento presente: o que vem à tona já vem com suas palavras adequadas e insubstituíveis, ou não existe. Ao descrevê-lo, de novo a certeza só aparentemente paradoxal de que o que atrapalha ao escrever é ter de usar palavras. É incômodo. É como se eu quisesse uma comunicação mais direta, uma compreensão muda como acontece às vezes entre pessoas. Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na Madeira ou alisar uma cabeça de menino ou de passear pelo campo, jamais teria entrado pelo caminho da palavra. Faria o que tanta gente que não escreve faz, e exatamente com a mesma alegria e o mesmo tormento de quem escreve, e com as mesmas profundas decepções inconsoláveis: viveria, não usaria palavras. O que pode vir a ser minha solução. Se for bem vinda. (LISPECTOR, 1984. p. 438)

Dessa forma, convém ressaltar ainda que apesar de Clarice Lispector sempre reforçar que “gosta de escrever por Literatura”, a autora trás também em suas obras, ainda que indiretamente, temáticas sociais, filosóficas e até mesmo sociais, principalmente quando trata de questões psicológicas e, sobretudo, existenciais, que é o caso do conto “Amor”.

Quanto a essas temáticas, Sant’anna (1973, p.184) expressa o seguinte pensamento:

[...] o desenvolvimento de certos temas importantes da ficção de Clarice Lispector [que] insere-se no contexto da filosofia da existência, formado por aquelas doutrinas que, muito embora diferindo nas suas conclusões, (...) partem do caráter pré-reflexivo, individual e dramático da 'existência humana', tratando de problemas como a angústia, o nada, o fracasso, a linguagem, a comunicação das consciências, alguns dos quais a filosofia tradicional ignorou ou deixou em segundo plano.

Em suas obras, o que instiga e prende mais ainda o leitor é a sua abordagem intimista, que permite uma ressignificação de novos sentidos, e ainda assim, estabelece uma relação entre autora/leitor, o que a autora Vieira (2004 p.84) reforça quando escreveu a obra "Clarice Lispector: uma leitura instigante" e afirma que "Clarice proporciona ao leitor a possibilidade de preencher, com sua interpretação as impressões e ideias em suspenso, tornando-se um co-autor da obra."

Faz-se necessário enfatizar ainda que, o caráter reflexivo colocado na obra tão fortemente pela autora chama atenção, principalmente no tocante a existência humana, a formação do "eu". Dentro da literatura clariceana encontra-se todos esses aspectos, que por vezes, são considerados a partir de um viés psicológico. Pode-se ainda confirmar tal questão, quando Vieira (2004 p.14) também apresenta em sua obra que por "alguns psicanalistas o texto de Lispector é até 'terapêutico', pois leva os leitores de 'alma já formada' a se analisar e constituir".

### **3.2 Percepções do Conto Amor na perspectiva analítico-discursiva**

O conto "Amor", como já foi dito anteriormente, faz parte do corpo de uma obra intitulada Laços de Família, da consagrada autora Clarice Lispector, e segue sua linha clássica de escrita, abordando questões existenciais, epifanias, paradoxos, seguindo um viés psicológico. Dentro dessa perspectiva, foi utilizada a linha de leitura analítica da obra, com o objetivo central de compreendê-la e interpretá-la, mas com enfoque na protagonista, que é o centro da trama quanto ao seu discurso consciente e inconsciente. O discurso assumiu um papel importantíssimo dentro da leitura analítica, por ser a partir da linguagem que se tornou possível compreender os aspectos que englobam o conto, e, sobretudo, Ana.

Segundo afirma Longo apud Lacan (2006, p.51) referente as questões de língua e discurso:

A língua que vai fornecer o instrumento de um discurso, no qual a personalidade do sujeito se libera e se cria para, então, atingir o outro. É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; a subjetividade e a consciência de si só podem ser atingidas por contraste (...). A linguagem é a única possibilidade de subjetividade.

Sendo assim, objetiva-se que foi por meio da língua, suas possibilidades, complexidades e – o mais importante, sua subjetividade, que se tornou possível compreender o universo de “Amor” (e Ana).

Faz-se necessário destacar também, que o conto “Amor” foca-se na vida cotidiana e rotineira da protagonista Ana, uma mãe comum, com um bom marido e filhos carinhosos, demonstrando assim que leva uma vida mediana e, em suma, é apenas produto de suas escolhas. Como conta Lispector:

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E crescia árvores, crescia árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno dos empregados do edifício. (LISPECTOR, 1982, p. 17-18)

Percebe-se assim que o conto inicia-se falando de alguns aspectos gerais da vida de Ana, descrevendo sua casa, um pouco de sua família e revelando um pouco de sua rotina, como uma simples dona de casa, que aparentemente vive em função de sua família “mediana”, tal ideia de mediana vem do meio termo sugerido por Clarice, ao posicionar as descrições a cerca da vida da personagem, mesclando-as entre boas e ruins, como coloca quando fala de seus filhos bons, ora malcriados, ora completos, e quando descreve o “apartamento estavam aos poucos pagando” com uma cozinha espaçosa, porém com o fogão enguiçado, que dava estouros.

É importante preconizar que, desde as primeiras linhas do conto, tornam-se notáveis que os sentidos impressos pela autora sejam metafóricos, entremeados de aspectos quanto aos enigmas da existência do ser humano e o seu lugar na sociedade, o desfrute e o não desfrute de ser quem se é.

Outro fator que é destacado na construção da obra é a presença de monólogos da protagonista, onde ela se questiona incessantemente sobre sua existência e questões psicológicas incomuns a cerca de sua pacata vida e a banalidade do seu próprio cotidiano. Especificando assim, a abordagem e escrita clariceana, popularmente conhecida por esse viés filosófico, repleta de subterfúgios e aspectos implícitos, substancialmente complexos, que se mostram latentes especialmente por meio das inquietações de Ana.

Observando essa temática colocada por Clarice de forma direta e indireta, evidencia-se os questionamentos da protagonista, principalmente sobre o centro do seu próprio “eu”, o seu lugar na sociedade como sujeito humano e os desejos inconscientes. Tendo isso em vista e priorizando a subjetividade da linguagem utilizada por Clarice dentro do conto, faz-se necessário destacar que o universo proposto pela autora, em Amor, é veemente interno, visto que todas as questões vivenciadas e colocadas por Ana não saem de seus monólogos para a sua realidade. A personagem denota por ora insatisfação com a sua existência, seu cotidiano banal, sua vida rotineira e seu lugar na sociedade, porém somente consigo mesma, além de, permanecer em inércia.

Nessa perspectiva, os questionamentos e aspectos colocados milimetricamente na escrita de Clarice se fazem, principalmente, no plano metafórico e abstrato, evidenciando assim os âmbitos psicológicos do inconsciente de Ana, por meio da linguagem, tal qual Longo apud Lacan (2006, p. 59) afirma que: “o postulado lacaniano de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem significa que o inconsciente segue as leis da linguagem, e que não há discurso possível sem a metáfora.” Por isso, foi ao “dissecar” o discurso da personagem, tornou-se possível compreender não só o conto em si, mas o que ele significa como um símbolo quanto à sua representatividade do que cada um possui um pouco dentro de si: inquietações quanto à sua existência e as epifanias da vida.

Sendo assim, o conto “Amor” trouxe consigo um relato de uma experiência de uma simples dona de casa, que vivia algo sumarento e tradicional, que certo dia, sentiu-se inconformada com a banalidade de sua vida, mas não deixou de segui-la. Pode-se afirmar que “Amor” e “Ana” trazem um pouco de cada ser humano.



#### **4 LEITURA ANALÍTICO-DISCURSIVA DA PERSONAGEM ANA À LUZ TEORICA DE JACQUES LACAN**

O que impulsionou a escrever um trabalho voltado especificamente para a obra de Lispector é o fato de que a autora segue uma mesma linha, fornecendo um material detalhista, que apresenta questões para a busca da compreensão e interpretação do mundo real através do ficcional. E essa interpretação foi aliada a um teor científico, representado por Jacques Lacan, aplicando algumas de suas teorias a realidade da personagem, em busca da interpretação da mesma e sua importância quando trazida para realidade. Dessa forma, tornou-se possível a aproximação da linguagem metafórica e abstrata da autora com a psicanálise, através de Lacan e seus pressupostos teóricos a cerca do sujeito humano e o inconsciente.

Partindo desse pressuposto e com base numa leitura analítica, especificamente de Ana no conto, na escrita de Clarice há esse viés de onde se parte da Psicanálise para chegar a Literatura. Essa aproximação se deu por meio do estado imaginário e metafórico, preconizado por Ana, com o fim de compreendê-la, por meio das principais teorias de Lacan.

Tal linguagem metafórica, que já fora bem explanada, ganhou seu auge no conto, principalmente com Ana, onde se verificou por meio da leitura analítica da obra a relação do estado e o comportamento da personagem aos postulados de Jacques Lacan, que buscam captar a psique e a existência humana e os significados dos processos existenciais e psicológicos partindo da linguagem.

Lacan é renomadamente conhecido como o analista da linguagem, por se utilizar da linguagem para observar o inconsciente e obter entendimento a cerca das questões que pesquisava. Sendo assim estabeleceu-se uma conexão entre Literatura e Psicanálise, que se deu por meio da interpretação da escrita profunda, abstrata e por vezes até paradoxal de Lispector, com as principais teorias lacanianas que utilizam o a linguagem como norteamento e objeto de observação.

Longo apud Lacan (2003, p.51), já afirmava os seguintes pontos a cerca de linguagem e compreensão “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, a subjetividade e a consciência de si, só podem ser atingidos por contraste (...). A linguagem é a única possibilidade de subjetividade.”

Dessa forma, é importante destacar o papel da construção da linguagem para exprimir as manifestações do consciente e inconsciente, principalmente por sua subjetividade. E é através do desvelar das características mais íntimas e profundas da personagem no seu inconsciente ao decorrer do conto, observando, sobretudo as entrelinhas de seus monólogos, é que se torna possível ver e compreender a raiz da sua epifania.

Destaca-se ainda, que o conto “Amor” foca-se na vida cotidiana e rotineira de Ana, que é apresentada como uma mãe comum, com um bom marido e carinhosos filhos, levando assim uma vida mediana e, em suma, é apenas produto de suas escolhas. Na narrativa, destacam-se os seus monólogos interiores, onde ela se questiona incessantemente sobre sua existência e questões psicológicas incomuns a cerca de sua pacata vida e a banalidade do seu próprio cotidiano. Especificando assim, uma linguagem repleta de subterfúgios e aspectos implícitos, substancialmente complexos, que se mostram latentes especialmente por meio das inquietações de Ana.

Ana carrega o “fardo” de ser mulher em tempos de patriarcalismo severo, é refém de sua vida sumarenta e pacata, onde se dedica exclusivamente a vida familiar e doméstica dentro de uma casa de classe média. E que certo dia, com uma situação chave, tem uma epifania, que é onde começam suas inquietações quanto a sua vida e os questionamentos em relação ao existencialismo. Dessa forma percebe-se, seu aprisionamento simbólico dentro de sua própria vida, onde ela deseja mudar e se libertar, mas ao mesmo tempo não o faz.

Ao observar essa temática colocada no conto, que se evidenciaram os questionamentos da protagonista, principalmente sobre o centro do seu próprio “eu”, o seu lugar na sociedade como sujeito humano e os desejos inconscientes. A partir desses aspectos e viés psicológicos, que Jacques Lacan define como estado imaginário, formação do “eu”, mundo metafórico e sobre sujeito, que forneceu uma base teórica como intermediadora para interpretar o estado, comportamento e realidade de Ana, além de compreender seu lugar na sociedade, por meio da linguagem.

Segundo Longo apud Lacan (2006. p.42) “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, logo se faz possível à análise das manifestações do inconsciente da personagem Ana ao longo da construção do conto, compreendendo assim o seu próprio “eu” e identidade.

O conto, como já foi dito, é um relato a cerca de experiências da vida de Ana, e se inicia contando sua rotina e a banalidade de seu cotidiano. E é nas entrelinhas que se consegue perceber seus verdadeiros anseios e características intimistas.

Como pode ser visto quando Lispector coloca:

Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos (...) (LISPECTOR, 1982, p.18)

Pode-se perceber então, que a personagem Ana vivia presa dentro de um equilíbrio que a mesma buscava incessantemente para si dentro de sua realidade. A personagem acredita que com a vida que constrói, poderá adquirir algo sólido, tal qual o equilíbrio, porém, em alguns momentos mostra-se insatisfeita com tamanha previsibilidade em sua rotina.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera. (LISPECTOR, 1982 p.18)

Evidencia-se uma retomada inconsciente e metafórica a juventude de Ana, quando a autora cita “o que sucedera Ana” antes de sua vida adulta, que foi construída por ela mesma com solidez, tranquilidade e equilíbrio, algo que por vezes, não lhe permite tantas emoções, excitações ou exaltações. Há um contraste então entre os sentimentos de sua juventude e vida adulta. Essa incongruência de sentimentos confunde a protagonista, que se sente presa a sua realidade, mas não consegue desprender-se.

Ana não está presa somente em sua rotina ou cotidiano, mas principalmente presa ao que Cesarotto apud Lacan (2003, p. 25) define como o imaginário, que

Lacan define como “ilusão de autonomia da consciência”, ou seja, dentro de si, ela tem desejos e anseios por liberdade, que se mostram por vezes explícitos e renegados, isso porque apesar de expressar desejos de libertação ao que ela vive, não consegue discernir e identificar essas sensações dentro do seu psicológico e inconsciente. Ana demonstra medo de possíveis mudanças, de tomar decisões e se tornar o centro de sua própria vida, para assim autoafirmar-se, o que poderia retirá-la do imaginário, dá-lhe liberdade e desperta-la para a concepção do “real”.

(...) o que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera. sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. e alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera. (LISPECTOR, p. 18-19)

Observando as colocações de Ana, a cerca de sua vida, é notável que quando toma consciência de alguns aspectos do seu cotidiano, ela se sente incessantemente perturbada e inquieta em meio a essas questões que rondam sua existência. Oprimida, ela não se liberta de sua prisão metafórica dentro da própria vida. Quando o narrador coloca “assim ela o quisera e o escolhera”, fica claro que uma das razões de Ana não desprender-se da banalidade de sua existência é o fato de acreditar ser apenas um produto de suas escolhas e não ter poder sob a própria vida.

O desejo de mudança, de não permanecer inerte diante as suas inquietações desvela-se pouco a pouco no íntimo mais profundo de Ana ao longo da construção do texto. Porém, ao se confrontar com uma situação chave, a personagem pela

primeira vez depara-se com um desejo de libertação, fica claro o desabrochar desse sentimento no seguinte fragmento:

O bonde se arrastava, em seguida estacava (...). Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se apumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes. Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados. (...) Ana se apumava pálida. Uma expressão de rosto há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. (...) O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida. Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito. (LISPECTOR, 1982, p. 20).

O encontro de Ana com o cego no bonde é o auge do conto, é o momento maior de sua epifania e questionamentos. Nesse momento, a personagem reconhece suas inquietações e frustrações no cego, eis que ele reflete sua vida como um espelho, e ela pudera enfim, reconhecer e sentir com toda força seu desejo de libertação. Tais afirmações tem sua ênfase ao final do fragmento e do relato quando o narrador afirma: “mas o mal estava feito”, isto é, apesar de o cego já não estar mais ali, os efeitos provocados por aquele momento e aquela imagem seriam levadas por Ana por um bom tempo, o que torna a situação irreversível.

Lacan definiria o cego como o significante de Ana, e esse dado momento como o despertar para do imaginário para o “real”, tais conceitos que serão abordados mais detalhadamente no penúltimo capítulo. É o que aponta os estudos de Longo apud Lacan (2006, p.47) quando afirma que: “no âmbito do estudo de Lacan, a definição de significante para a psicanálise — “o significante é o que representa um sujeito para outro significante” — é crucial para a conceituação de sujeito”.

Nessa perspectiva, para decifrar, compreender e interpretar Ana, a sua condição e seu estado psicológico é necessário observar em suas entrelinhas, e principalmente, observar o mundo metafórico e o mundo metonímico expresso por meio da linguagem utilizada no discurso da mesma. O que propicia, sobretudo, uma melhor leitura do conto, com subsídios completos, sem lacunas, permitindo assim esculpir novas construções de sentido, e gerando reflexões sobre o que a personagem representa, de fato, quando trazida para um contexto real, compreendendo-a assim, como um símbolo que representa diversos problemas e questões existenciais do íntimo de cada ser humano.

#### **4.1 Jacques Lacan: significado da linguagem**

Além das questões discorridas e conceituadas, convém ressaltar que o autor que fornece a base, a ótica e perspectiva mencionada no trabalho é do médico e – considerado por vezes até mesmo filósofo, Jacques Marie Émile Lacan, que é de naturalidade francesa e teve sua vida e estudos voltados para a Psicanálise. A importância de trazer seu olhar e luz teórica na busca pela compreensão do estado e comportamento de Ana se deu, principalmente devido a suas teorias estarem sempre atreladas ao campo da linguagem e diálogo, fornecendo assim, subsídios completos para a interpretação da personagem, e proporcionando efetivamente a conexão entre o âmbito literário (como instrumento) e o científico (como teórico).

Lacan, durante sua vida e obra, fez retomada e críticas a obras de autores como Sigmund Freud, na ciência, e a Ferdinand de Saussure, no campo da linguagem. Isso, porque, sempre associou ambas as áreas, uma vez que tomava a língua como objeto e instrumento científico.

E nessas questões, Pinto (2003, p. 04) colabora afirmando que:

De todas as correntes da Psicanálise, aquela criada por Jacques Lacan, na França, dos anos 50, é a que mais avança além dos muros da clínica, constituindo-se em interlocutora de campos como a filosofia, a estética e a crítica literária. Em parte, isso deve à personalidade de seus protagonistas, um médico psiquiatra que desde a juventude se interessou por escritores e filósofos, que frequentou artistas como Pablo Picasso e Salvador Dali, e que teve grande proximidade em relação a Surrealistas. Em larga medida, porém, essa marca do “lacanismo” também pode ser atribuída ao momento de efervescência cultural vivido então.

O analista da linguagem, como é considerado, nasceu no dia 13 de abril de 1901, em Paris. Oriundo de uma família burguesa formou-se em medicina, logo após direcionou-se a psicanálise e concluiu seu doutorado em 1932, inovando completamente o campo das ideias, ele então criou uma corrente psicanalítica: o “lacanismo”. Desde cedo, devido a suas ideias inovadoras e, por vezes, até consideradas polêmicas, ele ganha popularidade em diversos âmbitos e aspectos. Tal qual a revista *Viver Mente e Cérebro* (2003, p.20) afirma: “clássico e inclassificável, Lacan é um pensador que resiste ao tempo por não se deixar apreender em nenhuma interpretação classificatória”.

E, dentro dessa esfera de conhecimentos pode-se ressaltar sua afirmação segundo Longo apud Lacan (2006. p.42) que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, logo se compreende que as análises das manifestações do inconsciente da personagem Ana ao longo da construção do conto puderam e foram compreendidas a partir da sua linguagem e discurso, compreendendo assim o seu próprio “eu”, aspectos de sua identidade, seus desejos e anseios, e, sobretudo, o seu íntimo.

#### **4.2 Literatura e a linha psicanalítica: construindo elos**

A proposta central, do presente trabalho monográfico foi, além de ter enfoque na leitura analítica do discurso de Ana, tendo como base ideias lacanianas, extinguir os diferentes âmbitos e conectá-los em perfeita sintonia em busca de um único objetivo: compreender o personagem de Ana e seus anseios, podendo assim trazer seus significados para a vida, e com isso, refletir a cerca do símbolo que a mesma representa. Sendo assim, a Literatura e a Psicanálise. De um lado, tem-se o conto *Amor* e a escrita típica clariceana, já abordada, e de outro, a teoria Lacaniana, respectivamente.

Portanto, segundo Herrmann (1999, p.18), “a proximidade entre a literatura e a psicanálise se dá pelo fato de ambas serem ficções, pois as duas são criações humanas”, mas apesar de serem frutos de criações, logo ficcionais, o autor (HERRMANN 1999, p.19) ainda afirma que a mencionada regra não tange a legitimidade de ambas as áreas. Segundo suas contribuições teóricas, ele coloca os seguintes conceitos:

Vamos deixar clara a ideia: ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular. Ficção é uma hipótese que se deixou frutificar até as últimas consequências, antes de decidir sobre sua validade, é um instrumento poderoso de descoberta, mas tende a capturar o investigador, que também é personagem dela, levando-o a crer que sua história é fato.

Os enlaces entre a Literatura e a Psicanálise são aditivos, principalmente quando se utiliza a ciência para investigar. Estabelecer uma relação entre as áreas é virtuoso quando se respeita o limite de ambas, e as usa para interpretar uma a outra, continuamente partindo de seus subsídios, visando criar e esculpir novos sentidos.

Também se faz importante destacar que tudo isso se torna praticável devido ao discurso literário, e nesse caso, mais especificamente o discurso de “Ana”, partindo das marcas e do desvelar do inconsciente impressa em sua linguagem, é que se torna possível a conexão entre a Literatura e a Psicanálise.

### **4.3 A Literatura e a linguagem**

O conto “Amor” e a personagem “Ana” tornaram-se um instrumento, que foi lido, relido, analisado, dissecado e interpretado, de forma abstrata em suas subjetividades e subterfúgios e ao mesmo tempo científica nas suas objetividades através da lente lacaniana, onde se partiu de um único e importante ponto: a linguagem.

Evidencia-se também a importância, sobretudo, na linguagem em todas as situações, artes e a realidade impressa no texto, em especial na figura em todos os aspectos em Ana, sendo eles explícitos ou implícitos. Como confirma Longo (2006, p.07):

Nada há no mundo que não participe da linguagem: a realidade se expressa na palavra e só existe na medida em que se possa dizê-la. A linguagem tem uma existência dinâmica, está em permanente processo de criação por sua multidão de falantes — as forças vivas dos sujeitos que reagem contra a coisificação da linguagem. Essas forças não estão presentes apenas nos poetas, estão enraizadas nas falas de todos.

Pautado nessas respectivas ideias, o desenvolvimento e construção do trabalho ocorreu com a aproximação da linguagem clariceana, como instrumento, e



as bases teóricas lacanianas, como analíticas, ou seja, partindo da Literatura para Psicanálise. Como forma de compreender o verdadeiro “eu” da personagem, o seu comportamento e seus pensamentos conscientes e inconscientes, por meio da narrativa de Lispector.

Logo, percebe-se que a linguagem teve um papel de supremacia na busca pela compreensão do estado e comportamento de “Ana”, principalmente devido a suas teorias estarem sempre atreladas ao campo da linguagem, diálogo e discurso, fornecendo assim, subsídios completos para a interpretação da personagem, criando um elo entre o âmbito literário (como instrumento) e o científico (como teórico).

Sendo assim, a partir da leitura analítica das manifestações do inconsciente da personagem “Ana” ao longo da construção do conto, tornou possível, assim, observar e interpretar suas características desveladas em seu discurso durante a construção do conto, principalmente em seus monólogos ao narrar seus desejos, pulsões e fugas internas.

Ainda sobre a relação e importância literatura/linguagem sublima-se a subjetividade impressa como um fator principal para a revelação do centro do “eu” de Ana e sua identidade, assim como seus traços peculiares e íntimos do seu próprio universo dentro do texto.

Dessa forma, é importante ressaltar, que a Literatura estabelece muitas e diferentes relações com a linguagem, pois é ela que fornece estruturas, possibilidades e meios de expressão através da fala, porém ambas colaboram entre si, ao passo que uma preenche a lacuna da outra.

#### **4.4 A linguagem estruturada como o inconsciente**

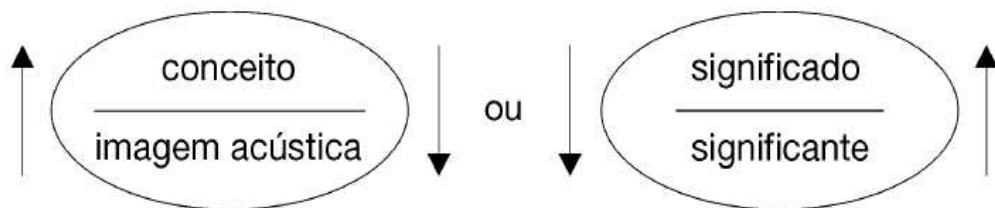
Lacan, como já foi dito, era conhecido como o analista da linguagem, principalmente por partir da forma que se fala e como se fala, para observar e decifrar a psique humana. O francês retornara a estudos de Freud ao passo que utilizava como base os estudos quanto à língua e suas especificidades. É o que confirma a autora Longo quando diz que: “o retorno a Freud’, para Lacan significa voltar os olhos a importância crucial que Freud atribuiu à linguagem para psicanálise, uma vez que o inconsciente está completamente envolvido nele”

(Longo, 2006 p.41). E foi aliando os estudos psicanalíticos ao campo linguístico, que percebia as ressonâncias do inconsciente nos discursos.

Jacques Lacan também teve como base os estudos teóricos de Ferdinand Saussure ao que tange a linguística em noções de, sobretudo, significante e significado.

Que é o que explica diretamente Longo apud Lacan (2006 p.44), quando conceitua que:

Uma abordagem do conceito de sujeito implica, necessariamente, abordar o significante. Para Saussure, o signo linguístico é uma entidade psíquica de dupla face, o significado (conceito) + o significante (imagem acústica), formando um conjunto inseparável (...). Como um não existe sem o outro, ambos estão circunscritos em uma elipse. Na relação entre os dois emerge a significação, cujo valor será determinado dentro do sistema de signos numa relação entre signos. As setas apontadas para baixo e para cima significam que é indiferente ao resultado (a significação) a troca de lugares.



algoritmo saussuriano

(figura 1: Linguagem e Psicanálise, Longo, 2006 p.44)

Em meio a esses conceitos tangentes à língua, quanto a sujeito, fala, significado, significante e suas funções, de Saussure, Lacan retoma-os com algumas adaptações, observando seus aspectos e trazendo-os, assim, para o campo psicanalítico. Corroborando com tais ideias, Jacques Lacan postula novos conceitos em cima destes, configurando-se assim o algoritmo lacaniano, que de acordo com Longo apud Lacan (2006, p.45), consistia em “eliminar a elipse e a quebra da unidade do signo; torna resistente a significação a barra que separa o significante do significado e inverte os termos: o significante deve ficar sempre na parte superior, a cima da barra, (...) e o significado ficará abaixo (...)”.

$$\frac{S}{S}$$

### algoritmo lacaniano

(figura 2: Linguagem e Psicanálise, Longo, id)

Lacan faz uso dos estudos relacionados à linguagem, trazendo-as para a psicanálise, de modo que, ao partir da fala, compreenda as questões do inconsciente. Enquanto que os conceitos de Saussure visam compreender somente a língua e suas especificidades, Lacan se utiliza de tais postulados para moldar novos segmentos de teorias, só que relacionadas à psicanálise, tendo em vista, mediá-los na observação do inconsciente partindo da linguagem. Segundo Longo apud Lacan (2006, p. 47), seu conceito de algoritmo lacaniano estrutura-se da seguinte forma:

Para Lacan, a definição de significante é diferente da de Saussure, cujo objeto de estudo era a linguagem e não o inconsciente. No âmbito do estudo de Lacan, a definição de significante para a psicanálise - “o significante e o que representa um sujeito para outro significante” - é crucial para a conceituação de sujeito.

Dessarte, trazendo os mencionados conceitos linguísticos e psicanalíticos para o universo do conto e de Ana, é importante relaciona-los ao momento-chave do conto, que é o instante em que a personagem tem sua epifania, quando encontra um cego no bonde, e as suas inquietações e insatisfações se manifestam, causando-lhe os mais diversos tipos de sentimentos quanto à sua vida. De acordo com os pressupostos lacanianos, a imagem do cego torna-se um tipo de “significante” para Ana, é nele que a sua pessoa, suas perturbações e seus sentimentos emergem, de modo que, ela consegue enfim entregar-se, mesmo que momentaneamente, ao desejo de fugir da pacatez e banalidade de sua vida, e a vontade de libertar-se da mesma.

Tendo isso como base, é notória a função da aplicabilidade de alguns estudos de Lacan à fala de Ana, para interpretá-la observando as ressonâncias de seu inconsciente desveladas pouco a pouco através de sua linguagem.

#### **4.5 A linguagem metafórica da personagem Ana em relação ao conceito psicanalítico lacaniano**

O universo de Ana pode ser considerado metafórico, onde a partir de sua linguagem é encontrado tais aspectos, que conotam significados que, por vezes, deixam lacunas, mas que são preenchidas, por sua vez, através das entrelinhas colocadas na construção do conto. Muitos desses sentidos velados necessitam da percepção e da ótica do leitor, no que tange a compreensão da personagem, Lacan pôde contribuir onde se refere aos conceitos a partir da linguagem, respeitando o espaço da personagem, mas interpretando-a através de uma perspectiva analítica em relação ao postulado lacaniano do médico.

Quanto ao teor metafórico do conto, no início da narrativa encontra-se a seguinte comparação que diz muito mais de Ana na captação das entrelinhas dos significados e sentidos:

Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida. . (LISPECTOR, 1982, p. 21)

A comparação da personagem ao lavrador faz alusão à sua vida em geral, ou seja, assim como o papel de um lavrador é de cumprir papéis tais como; plantar, regar, colher, e dessa forma, ele tem em suas mãos o sucesso e o insucesso dessa ação. Assim é a vida de Ana, alguém que vive em função de seus afazeres (no seu caso, domésticos) e por fim, ela torna-se somente produto de suas escolhas.

Portanto, pode-se então afirmar, que Ana possui suas singularidades quanto ao seu estado comportamental e inconsciente, visto que, ambos aparecem de formas distintas dentro do texto, uma vez que, o seu comportamento não condiz com seus desejos interiores. Isso porque Ana viveu uma vida inteira no “automático”, tentando construir o que considerava até então uma vida “sólida” e estável, como aponta na parte em que diz “no fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera” (LISPECTOR, 1982 p.21) onde a palavra “raiz firme” indica eixo e fixação, referindo-se diretamente a solidez e segurança em algo, que no seu caso, é no marido e nos filhos, e em preencher sua

vida com os afazeres domésticos, só que ao mesmo tempo, claramente, sua realidade torna-se “líquida” pela banalidade de seu cotidiano.

Mas todas as convicções de Ana se esvaem no momento-chave do texto, que é quando ela encontra o cego no bonde, onde ela se dá conta do aprisionamento em sua própria realidade, é quando ela tem uma epifania e incessantes questionamentos quanto a sua existência, isto é, todas as suas inquietações emergem na imagem do cego.

Por quê? Teria esquecido que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. (...) O mundo se tornara um mal-estar (...) parecia-lhe que as pessoas eram periclitantes (...). Perceber uma ausência de lei foi tão súbito (...). O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava as coisas, sofrendo espantada (...). Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa. Através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (LISPECTOR, 1982, p. 25).

Observa-se que a imagem do cego provocou um impacto interior na personagem, provocando sensações e conseqüências em relação aos seus sentimentos e aspirações íntimas. Tanto é que, após o ocorrido seu posicionamento e pensamentos se mostram cada vez mais conflitantes em relação a sua forma de ver e assistir as simples coisas ao seu redor, instaurando um caos interior na protagonista. É o que fica evidente em:

Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais (...) Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão, caroços secos (...) como pequenos cérebros apodrecidos. (...) rumorejavam as águas (...) a crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo, e a morte não era o que pensávamos (...) era um mundo de se comer com os dentes. (LISPECTOR 1982, pp. 26-27).

Ana enfim, consegue desprender-se um pouco de seu mundo restrito à sua família e casa, e se põe a observar a natureza, o jardim, os animais, as frutas, e tudo lhe soava estranho. Por estar tão presa à sua rotina, o contato com um cenário e espaço diferente causava-lhe um conflito de sentimentos e sensações “a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do jardim era outra. Era fascinante, e ela sentia nojo (...) Ela amava o que fora criado – amava com nojo (...) seu coração se enchera com a pior vontade de viver.” (LISPECTOR, 1982 p. 27-28).

É evidente a crise existencial dela, resultante de uma epifania, produto de algo construído durante toda a vida da personagem, o que lhe causara insatisfação e incessantes questionamentos sobre sua vida, realidade e existência. Porém, ao final do texto, ela retorna a sua casa, a sua família e a normalidade de sua vida, mas dentro de si, guardara as experiências de seu dia como uma forma de experimentar a outra perspectiva de sua existência. “Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Ria-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. (CLARICE LISPECTOR, 1982, p. 30).” Enfim, sua crise existencial entra em suspenso, e seus sentimentos se mostram mais suaves, e apesar dessa vivência não resultar em mudanças externas na vida de Ana, a sua epifania pôde então produzir e proporcionar uma visão diferente da vida para ela, sob seu universo interno e íntimo, proporcionando-lhe sentimentos mais brandos quanto a sua existência.

#### **4.6 O real, o imaginário e o simbólico**

De acordo com Cesarotto apud Lacan (2003, p. 25), o imaginário, simbólico e real são “as dimensões de espaço habitado, como é revelado pela experiência analítica. Cada uma das três categorias é autônoma e diferente das outras, embora todas elas estejam amarradas de forma interdependente (...)”. Dessa forma, percebe-se que ainda que tais dimensões tenham aspectos que as diferem, ambas se correlacionam dentro do postulado lacaniano. Enquanto conceitos, elas podem ser definidas, ainda segundo Cesarotto apud Lacan (2003, p.25), da seguinte forma:

O imaginário (...) por um lado, quer dizer falso e aponta à ilusão de autonomia da consciência. Por outro lado, tem a ver com as representações e as imagens, as matérias-primas das identificações. (...) Já o registro do simbólico tem, na linguagem, sua expressão mais concreta, regendo o sujeito do inconsciente. (...) O real, como terceira dimensão, é sempre aludido pela negativa: seria naquilo que, carecendo de sentido, não pode ser simbolizado, nem integrado imaginariamente.

Trazendo os conceitos supracitados das respectivas dimensões para o universo de Ana, seu estado de aprisionamento interno e seus desejos velados de liberdade podem ser relacionados diretamente ao imaginário. Além disso, por estar atrelada ao campo da linguagem, a personagem e o conto assim fornecem um

conteúdo substancialmente simbólico, uma vez que Roudinesco; Plon apud Lacan (1998, s.p) afirmavam que:

Lacan descreve a linguagem como o simbólico, já que é por meio dela que o sistema de representações, baseado em significantes, determina o sujeito à sua revelia. É por meio desse sistema simbólico que o sujeito refere-se a si mesmo ao usar a linguagem.

Tendo como base o que já foi visto e explanado, se faz necessário relacionar os conceitos mencionados com o que acontece com Ana no texto. Mediante aos respectivos postulados, pode-se então, compreender melhor o que significa afirmar que apesar de pequeno em quantidade, o conto “Amor” se mostra enorme quanto a riqueza de seu conteúdo, que é, sobretudo, simbólico.

Tais conotações só se fazem possíveis dentro da construção da narrativa, devido à linguagem interna e externa de Ana e suas peculiaridades, sua imagem torna-se simbólica quanto à reflexão e a busca da compreensão de questões existenciais, quanto ao papel e função de cada um dentro da sociedade e a importância do seu próprio “eu” no fluxo que tange a vida. Ao ler e compreender o conto, é possível preencher suas entrelinhas, propiciando não só uma leitura mais efetiva do conto, mas com subsídios completos, esculpindo assim novas construções de sentido, e gerando reflexões sobre o que a personagem representa.

#### **4.7 A representatividade da personagem Ana**

É importante ressaltar que o processo de leitura e interpretação do conto, é uma experiência diferente, ao passo que, têm-se a compreensão ao desvelar o que há de mais interno na protagonista Ana, através da ótica lacaniana, observando, sobretudo a sua linguagem e as ressonâncias do seu inconsciente impressas na fala, implícitas dentro das metáforas e conflitos internos. Todo esse universo metafórico proposto por Clarice no conto “Amor” torna a obra grandiosa, e infinitamente rica quanto a seu conteúdo simbólico, onde a autora pôde esculpir em Ana um retrato representativo do íntimo do ser humano; o que cada um trás dentro de si quanto à sua existência, gerando reflexões em cima dos enigmas do que há internamente em cada indivíduo. Sendo assim, a personagem ganha seu destaque quando captada em suas entrelinhas, e compreendida em sua linguagem entremeada de sinestésias, metáforas e complexidades.

Faz-se necessário não somente ler Ana, mas interpretá-la e compreendê-la mediante a seu estado emocional e psíquico, o que se fez possível, de forma eficaz, com o auxílio e a lente das teorias lacanianas. Além de observar o seu comportamento em meio a seus sentimentos conflitantes e confusos, ainda, trazê-la para o plano real, entendendo o impacto que as reflexões colocadas na escrita clariceana podem exercer. Sendo assim, pode-se afirmar que a protagonista possui representatividade tangente aos sentimentos, questionamentos e, sobretudo, a cerca da busca da compreensão quanto à função da existência e papel na sociedade enquanto ser humano.

Trazendo Ana para o contexto real, sua imagem preconiza um símbolo que representa os enigmas do íntimo de cada ser humano, e estabelecer uma perspectiva que busca compreendê-la e também questionar a si mesmo e a humanidade quanto à existência, as dores e delícias de ser quem se é, e através desse processo, conectar-se diretamente a Ana, a seus sentimentos e pensamentos, compreender o processo dos seus questionamentos e tornar o processo de conhecê-la, também um processo de autoconhecimento.



## 8 METODOLOGIA

Com o objetivo de expor o caminho percorrido, para a realização do presente estudo monográfico apresenta-se aqui a descrição de todos os procedimentos, desde os levantamentos dos dados do estudo, como também explicar como se deu a escolha dos métodos que melhor se qualifica para responder o problema da pesquisa.

Dessa forma, do ponto de vista dos procedimentos técnicos optou-se por uma pesquisa bibliográfica onde foram consultados livros, revistas, artigos e teses.

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 166) “esta tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Manzo, (1971, P.32) apud Marconi & Lakatos (2009, p. 57) pontua que a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” e que segundo Trujillo, (1974, p. 230) apud Marconi & Lakatos (2009, p. 57) reforçando a respectiva ideia enfatiza que, ela tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”.

Quanto ao método de abordagem, optou-se pelo dedutivo, mediada pela teoria dialética, por entender que “as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está acabada, encontrando-se sempre em vias de se transformar; o fim de um processo é sempre o começo de outro”. Marconi e Lakatos (2010, p. 83)

Do ponto de vista dos objetivos, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, no qual Silva & Menezes (2001, p. 20) apud Vicente (2014, p. 12) definem como a presença de “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números”. Portanto, “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas” e “os pesquisadores tendem a analisar os dados indutivamente”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho exposto visou estabelecer uma leitura analítico-discursiva, com enfoque na personagem principal Ana, do conto “Amor”, texto que se encontra na obra *Laços de Família*, da autora Clarice Lispector. Dessa forma, construiu-se assim, uma conexão entre a escrita clariceana e as bases teóricas lacanianas, com o intuito de compreender o universo humano a partir da linguagem subjetiva da protagonista da respectiva obra.

Sabe-se que a psicanálise, assim como Lacan, busca compreender, e de certa forma, decifrar o ser humano, porém, o diferencial do mencionado psicanalista francês é de onde ele começa e busca sua interpretação, que é por meio da linguagem. Por isso, foi na escrita peculiar e particular de Clarice Lispector, cheia de metáforas, sinestésias, paradoxos e epifanias, que então surge o elo entre os respectivos âmbitos, a Literatura e os postulados Psicanalíticos que partem desse único e mesmo ponto: a linguagem.

O conto “Amor” foca-se em trazer um relato quanto às vivências de Ana, uma mãe e dona de casa, e o que aparentemente pode parecer simples, na verdade, transforma-se em uma experiência surpreendente. Principalmente, por ser um conto que é pequeno em páginas e linhas, com poucos personagens, descrição de tempo, espaço ou cenários, mas ao mesmo tempo imenso em relação ao seu conteúdo simbólico. Torna-se sublime ao leitor, devido às inúmeras reflexões que sua leitura profunda proporciona, onde situações corriqueiras e banais tornam-se problemáticas, ou seja, questionamentos existenciais e sociais quanto ao lugar no mundo e a formação do “eu”, e, sobretudo, devido aos diversos sentidos dentro da esfera que engloba a personagem.

Ler o conto “Amor” é ter contato com o universo externo e principalmente interno de Ana, seus monólogos interiores, conflito de sentimentos, linguagem entremeada de sentidos velados e as ressonâncias do seu inconsciente que pouco a pouco, mostram-se latentes em sua linguagem. O que aproxima e estabelece uma relação direta entre autor/leitor, uma vez que se busca captá-la em suas complexidades, por meio de uma leitura apurada e analítica.

Partindo de um “dissecar” minucioso da protagonista Ana, buscou-se então compreendê-la em suas linhas e entrelinhas, principalmente em sua linguagem inconsciente, que é onde deixa espaço para sua análise, feita assim por meio de

ideias e fundamentações da perspectiva do psicanalista francês Jacques Lacan, partindo do discurso da personagem.

Em face ao exposto, o presente trabalho monográfico então, partiu de uma interpretação de conceitos a cerca da metáfora, significado, significante, formação do “eu” e o inconsciente desvelado na linguagem para a compreensão do real estado de Ana e o verdadeiro motivo de sua epifania expressa em suas incessantes inquietações e perturbações.

Sendo assim, faz-se possível entender Ana, tendo-a como um símbolo que representa e imprime uma imagem de diversas questões existenciais, sentimentais e psicológicas a cerca do interno do ser humano e suas perturbações quanto ao sentido que cada um exerce na vida, e compreende-la e interpreta-la é também captar um pouco desse íntimo da experiência humana ao que tange o existencialismo, de uma forma social e reflexiva, por vezes até mesmo, filosófica.

Conclui-se então que, estabelecer uma base interpretacional para Ana proporciona o entendimento da mesma enquanto personagem, mas tira-la do mundo ficcional e traz-la para o contexto real, enquanto símbolo permite compreender o íntimo do ser humano e também, poder refletir a cerca da breve experiência da vida e os papéis que cada um exercem nesse processo de existência.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo, Abril Cultural (Os pensadores): 1984.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. **“A morte do último escritor”**, in: CASTELLO BRANCO, Lucia; BARBOSA, Márcio Venício; SILVA, Sérgio Antônio (org.) *Maurice Blanchot*. São Paulo: Annablume, 2004.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **“O amor é cego”**, in: CASTELLO BRANCO, Lúcia & BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina Editorial, 2004, p. 187-200.
- CESAROTTO, Oscar Angel. O discurso lacaniano. **Revista Viver Mente & Cérebro**. São Paulo: Duetto, edição especial nº 4. p.22-29, 2003.
- DUNKER, Christian. Jacques Lacan, o analista da linguagem. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Lemann. 2008
- FOUCAULT, M. **O cuidado com a verdade**. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ditos e escritos*. (Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 234-245.
- HERRMANN, Fábio. **A psique e o Eu**. São Paulo: . Hepsyché, 1999.
- LACAN, J. (2005). **O simbólico, o imaginário e o real**. Em *Nomes-do Pai* (T. ANDRÉ, Trad., pp.11-53). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 1953).
- LACAN, J. (1998). **Para além do “Princípio de realidade”**. Em *Escritos* (R. Vera, Trad., pp.77-95). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 1936).
- LISPECTOR, Clarice. "Amor" in. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1982.
- \_\_\_\_\_, Clarice. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. Clarice **Lispector: Panorama Especial**. Entrevistador: J. Lerner. São Paulo: TV Cultura, 1977. Entrevista concedida ao programa Panorama Especial e reapresentada no programa 30 Anos Incrível da emissora TV cultura. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9ad7b6kqyok>> Acesso em: 10 mar. 2017.
- LONGO, Leila. **Linguagem e psicanálise** / Leila Longo. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da Leitura**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas, 2004
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

**REVISTA VIVER MENTE & CÉREBRO.** edição especial nº 4 São Paulo: Duetto, 2003.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed., 5. reimpressão, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.

VIEIRA, Telma Maria. **Clarice Lispector: uma leitura instigante** 2 ed. Annablume, 2004.

VICENTE, Eliane Pereira. **O Imaginário nos Contos de Fadas:** uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm.f.52. Florianópolis :2014